

A prática do canto dirigido entre mães e bebês

Djeniffer Heinzmann Chassot

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
orcid.org/0000-0003-0653-7629
djeniffer08@hotmail.com

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
orcid.org/0000-0002-7204-7292
cristina-wolffenbuttel@uergs.edu.br

CHASSOT, Djeniffer Heinzmann; WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. A prática do canto dirigido entre mães e bebês. **Revista da Abem**, [s. l.], v. 31, n. 2, e31114, 2023.

A prática do canto dirigido entre mães e bebês

Resumo: A infância tem papel determinante no desenvolvimento das pessoas, e seus entrelaçamentos com a música tornam-se primordiais desde a mais tenra idade. Partindo desses pressupostos, o presente estudo teve como objetivo investigar a prática do canto dirigido entre mães e bebês de zero a dois anos de idade, analisando as motivações para essa prática e as maneiras como ela ocorre. Os dados coletados foram obtidos a partir dos documentos pertencentes à segunda edição do projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias” vinculado à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, realizado durante o primeiro semestre de 2021. Esta pesquisa teve como metodologia a investigação qualitativa do tipo documental e analisou os documentos coletados durante as ações da extensão. Para o tratamento dos dados obtidos, a técnica utilizada foi a análise de conteúdo. Para o referencial teórico, empregaram-se, principalmente, conceitos sobre a musicalidade em bebês, o canto dirigido e a educação musical informal. Ao concluir, observou-se que a prática do canto dirigido é algo natural no cotidiano das famílias, sendo utilizado principalmente para brincar com os bebês, dar banho e fazê-los dormir, lançando mão de repertórios de músicas folclóricas e infantis. Por unanimidade, a prática do canto com bebês foi considerada pelas mães participantes muito positiva e benéfica ao desenvolvimento integral da criança, especialmente para a aquisição da linguagem e a criação de vínculos afetivos.

Palavras-chave: educação musical; música; educação informal.

The practice of directed singing between mothers and babies

Abstract: Childhood plays a decisive role in the development of people. Therefore, their intertwining with music become essential from an early age. Based on these assumptions, the present study aimed to investigate the practice of directed singing among mothers and babies from zero to two years, analyzing the motivations for this practice and the ways in which it occurs. The data collected for this research were obtained from documents belonging to the extension project “Musical Experiences for Babies and Families”, linked to the Universidade Estadual do Rio Grande do Sul which, in its second edition, was carried out during the first semester of 2021. This research had as methodology the qualitative investigation, being of the documentary type, and analyzed the documents collected during the extension actions. For the analysis of the data obtained, the technique used was the content analysis. For the theoretical framework, concepts about musicality in babies, directed singing, and informal music education were used. In conclusion, it was observed that the practice of guided singing is something natural in the daily lives of families, being used mainly to put the baby to sleep, to play and to bathe, using a repertoire of folk and children's songs. Unanimously, the practice of singing with babies was considered by the participating mothers to be very positive and beneficial to the integral development of the child, especially regarding language acquisition and the creation of emotional bonds.

Keywords. music education; music; informal education.

La práctica del canto dirigido entre madres y bebés

Resumen: La infancia juega un papel decisivo en el desarrollo de las personas. Por lo tanto, sus entrelazamientos con la música se vuelven esenciales desde una edad temprana. Con base en estos supuestos, el presente estudio tuvo como objetivo investigar la práctica del canto dirigido entre madres y bebés de cero a dos años, analizando las motivaciones para esa práctica y las formas en que ocurre. Los datos recogidos para esta investigación fueron obtenidos de documentos que pertenecen a el proyecto de extensión “Experiencias Musicales para Bebés y Familias”, vinculado a la Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, que, en su segunda edición, se llevó a cabo durante el primer semestre de 2021. Esta investigación tuvo como metodología la investigación cualitativa, siendo de tipo documental, y analizó los documentos recogidos durante las acciones de extensión. Para el análisis de los datos obtenidos, la técnica utilizada fue el análisis de contenido. Para el marco teórico se utilizaron conceptos sobre musicalidad en bebés, canto dirigido y educación musical informal. Como conclusión, se observó que la práctica del canto guiado es algo natural en el cotidiano de las familias, siendo utilizado principalmente para hacer dormir al bebé, jugar y bañarse, con un repertorio de canciones folklóricas e infantiles. De forma unánime, la práctica del canto con los bebés fue considerada por las madres participantes como muy positiva y beneficiosa para el desarrollo integral del niño, especialmente en lo que se refiere a la adquisición del lenguaje y la creación de vínculos afectivos.

Palabras clave: educación musical; música; educación informal.

Introdução

O presente artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Teve como objetivo geral investigar a prática do canto dirigido entre mães e bebês de zero a dois anos de idade, participantes do projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias: 2ª edição”, vinculado ao programa de extensão “Educação Musical: Música, Educação e Entrelaçamento”, registrado na Pró-Reitoria de Extensão da UERGS.

Essa edição, que ocorreu durante o período de abril a julho de 2021, consistiu em quatro encontros mensais de vivências musicais, com duração média de trinta minutos cada, pelo canal do YouTube *Educação Musical Diferentes Tempos e Espaços*, sempre ao vivo e de maneira totalmente virtual.

O artigo está estruturado em quatro partes: metodologia, referencial teórico, resultados e discussões, e conclusão. O método utilizado foi a pesquisa documental com abordagem qualitativa, e a coleta de dados se deu via formulários pertencentes ao projeto de extensão citado acima.

O referencial teórico inclui conceitos sobre o desenvolvimento musical do bebê nos primeiros anos de vida, o bebê como um ouvinte sofisticado, o canto dirigido, a educação musical informal e os pais como os primeiros educadores musicais. A partir dos dados coletados e analisados, com base no referencial teórico, os resultados são apresentados e discutidos. Por fim, a conclusão responde aos questionamentos e tece reflexões acerca da prática do canto dirigido entre as mães e seus bebês.

Metodologia

A metodologia utilizada nesta investigação teve como pressuposto a abordagem qualitativa e como método, a pesquisa documental; os documentos foram coletados via internet, a partir das atividades desenvolvidas em um projeto de extensão universitária, e os dados apurados com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (2016).

O projeto “Vivências Musicais para Bebês e Famílias: 2ª edição” foi realizado em formato virtual, durante a pandemia da Covid-19 e integrou as ações de extensão universitária, objetivando proporcionar momentos de vivências musicais para bebês de zero a dois anos de idade com seus pais ou responsáveis. Este trabalho teve como fonte de dados os formulários respondidos pelas

mães participantes do projeto. A forma de realização foi a transmissão de atividades ao vivo, por meio da plataforma *YouTube*, ocorridas nos dias 16 de abril, 14 de maio, 11 de junho e 16 de julho de 2021, com duração média de trinta minutos cada.

A fim de auxiliar a comunicação e a partilha de informações, foi criado um grupo no aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp com os pais ou responsáveis que participaram das transmissões ao vivo, para possibilitar a troca de experiências e relatos sobre as vivências aplicadas em família. A partir disso, foi disponibilizado um formulário contendo questões voltadas à prática do canto entre pais e bebês. Após organizar os documentos originados do projeto de extensão e observar sua importância, decidiu-se por empreender a presente pesquisa.

Referencial teórico

O referencial teórico selecionado apresenta conceitos e teorias de pesquisadores que contribuíram para a análise dos dados desta pesquisa.

O desenvolvimento musical do bebê nos primeiros anos de vida incluiu textos de Bortoletto-Dunker e Lordelo (1993), Parlato-Oliveira (2019) e Ilari (2002). O bebê como um ouvinte sofisticado teve por base referenciais como Ilari (2002, 2009), Trainor e Heinmiller (1998), Trainor e Trehub (1993), Carneiro e Parizzi (2011). O canto dirigido foi constituído a partir do trabalho de Trehub e Gudmundsdottir (2015), Ilari (2002, 2003, 2005), Wolffenbüttel (2019), Broock e Ilari (2004), Trehub, Hill e Kamenetsky (1997). A educação musical informal foi fundamentada no trabalho de Gohn (2006), Kraemer (2000), Papoušek (1996), Malloch (1999), Carneiro e Parizzi (2011), Parizzi e Rodrigues (2020). Por fim, os pais como os primeiros educadores musicais teve como referencial Broock e Ilari (2004), Gordon (2015), Carneiro e Parizzi (2011).

As seções a seguir, trazem as definições dos principais conceitos e das teorias que fundamentaram esta pesquisa.

Desenvolvimento musical do bebê nos primeiros anos de vida

As concepções sobre as capacidades sociocognitivas do bebê, bem como seu desenvolvimento integral, têm sofrido mudanças durante os últimos anos. Segundo Bortoletto-Dunker e Lordelo (1993), até a década de 1950, na área da saúde, acreditava-se que:

Os bebês não podiam ver, ouvir e se comunicar, sendo o mundo exterior confundido com o seu próprio corpo; seus movimentos eram vistos como aleatórios ou como produtos de seus reflexos desorganizados. O recém-nascido e o bebê eram vistos como organismos basicamente deficientes, incompletos. (Bortoletto-Dunker; Lordelo, 1993, p. 10)

Com o passar dos anos, a partir de pesquisas e de avanços tecnológicos, essas concepções foram se modificando. Hoje se pode afirmar que o bebê não nasce uma “tábula rasa”, desprovido de saberes, sendo resultado apenas da ação do outro sobre ele (Parlato-Oliveira, 2019). Acredita-se que o bebê percebe o mundo ao seu redor de uma forma multimodal. A esse respeito, Parlato-Oliveira (2019, p. 29–31) explica:

Este bebê tece suas impressões sobre o mundo a partir de um elaborado e completo sistema de percepção que permite a ele interpretar as informações para compor um saber. Este saber está sustentado numa capacidade dinâmica multimodal de interpretação, toda experiência vivida por ele está atravessada por uma variada gama de percepções que permitem a ele compor um saber que considere o fenômeno ou objeto oferecido, ou existente, com o que está no seu espaço no momento em que ele o encontra. O tempo e o espaço participam de forma decisiva para a construção do saber do bebê na sua relação com tudo aquilo que ele percebe.

Os saberes do bebê são constituídos conforme suas vivências intra e extrauterinas. Desse modo, Ilari (2002) afirma que eles são ouvintes sofisticados desde a mais tenra idade. O útero materno não é nada silencioso, devido aos sons cardiovasculares, intestinais e placentários, bem como pelos estímulos sonoros externos ao ventre materno. Pesquisas apontam que o ouvido humano se desenvolve a partir do 22º dia de gestação, mas somente na 25ª semana passa a ter função. Por volta da 32ª semana, o sistema auditivo está completo, e o bebê escuta relativamente bem ainda no ventre materno (Ilari, 2002).

O bebê como um ouvinte sofisticado

Estudos de Ilari (2002) revelam que bebês apresentam preferências musicais, tendo em vista as características sonoras em diferentes fases de seu desenvolvimento. Com apenas três dias de vida, já reconhecem e preferem a voz materna, assim como identificam canções, rimas, parlendas e histórias contadas no último trimestre de gestação. Até o terceiro mês de vida, preferem sons mais graves, entretanto, com seis meses, mudam seu interesse para os registros mais agudos dos sons.

Algumas habilidades sonoro-musicais inatas do bebê têm sido relatadas em pesquisas que tratam de sua concepção musical. A forma como processam a altura dos sons acontece de maneira similar a dos adultos, baseando-se no gráfico crescente e decrescente das notas, no “sobe e desce” do som. Eles também conseguem distinguir células rítmicas contrastantes e fórmulas de compasso distintas, antes mesmo de completarem um ano de vida (Ilari, 2002).

Em uma pesquisa sobre a percepção sonora dos bebês, foi realizado um estudo sobre a possibilidade de detectarem pequenas desafinações em melodias de escalas maiores e menores ou na escala javanesa (Lynch; Eilers; Oller; Urbano, 1990 *apud* Ilari, 2002). A partir desse estudo, concluiu-se que “os bebês foram capazes de detectar pequenas desafinações em todas as escalas, enquanto os adultos tiveram maiores facilidades de detectar as desafinações apenas nas escalas maiores e menores” (Ilari, 2002, p. 85).

Com relação à percepção harmônica, sabe-se que os bebês, antes mesmo de completarem um ano de vida, já diferem acordes consonantes e dissonantes, mantendo sua preferência pelos consonantes (Trainor; Heinmiller, 1998, Trainor; Trehub, 1993, Zentner; Kagan, 1998 *apud* Ilari, 2002). O desenvolvimento musical, nessa idade, pode ser introduzido a partir de intenções musicais vivenciadas em seu cotidiano. Segundo Ilari (2009, p. 25–26):

Podemos pensar no desenvolvimento musical como as mudanças que ocorrem no fazer musical dos bebês, crianças e adolescentes, de maneira mais ou menos espontânea, isto é, pela exposição cotidiana aos sons e à música da cultura da qual fazem parte. Por outro, podemos pensar em desenvolvimento musical como as mudanças que ocorrem no fazer musical em virtude da educação musical formal que as crianças recebem por meio de aulas de música em escolas e conservatórios. Também podemos pensar em desenvolvimento musical tendo por base o aprimoramento de habilidades em atividades específicas da área de música como cantar, tocar, ou compor uma canção dentro da estética de um gênero ou cultura em particular.

O fazer musical cotidiano mencionado por Ilari (2009) pode ser introduzido e desenvolvido a partir da prática do canto dirigido entre pais e bebês. Segundo Carneiro e Parizzi:

O bebê armazenará não apenas memórias sonoro-musicais, como também a mímica facial e os gestos realizados pelo professor. Um pouco mais adiante, assim que houver maturação cerebral e fisiológica suficientes, o bebê reproduzirá as sonoridades e os gestos já armazenados em sua memória, tornando mais expressiva a sua capacidade comunicativa. (Carneiro; Parizzi, 2011, p. 94)

Ainda de acordo com Carneiro e Parizzi (2011), as vivências dirigidas aos bebês por suas mães vão influenciá-los, e eles reagirão a tais estímulos, o que os auxiliará no desenvolvimento integral e musical.

Canto dirigido

Conforme Trehub e Gudmundsdottir (2015), em todos os lugares do mundo, as mães cantam para seus bebês. Porém, o que, quando e como cantam varia de cultura para cultura. Podemos caracterizar o canto como algo da natureza materna e, por esse motivo, é influenciado por circunstâncias e valores culturais. Sua utilização é relatada desde a Grécia Antiga, quando Platão, em sua obra intitulada “Leis”, descreveu o processo pelo qual o pranto de um bebê é acalmado e transformado em sono, por meio de uma canção de ninar, que teve o acompanhamento do balançar materno (West, 2002 *apud* Ilari, 2002).

O repertório utilizado para acalmar e colocar o bebê para dormir é comumente formado por canções de ninar ou acalantos, e recebe também outras nomenclaturas possíveis. Segundo Wolffenbüttel (2019, p. 201), os acalantos “são pequenos trechos musicais com uma letra singela, própria para embalar crianças, fazendo-as adormecerem. A melodia é muito simples, sendo uma das formas mais rudimentares de canto”.

O canto dirigido ao bebê, como é assim chamado o modo de cantar direcionado a eles, difere do canto dirigido a outros públicos. Suas principais características encontram-se na maior expressividade emocional, no registro mais agudo da voz e no andamento mais lento (Ilari, 2003 *apud* Filipak; Ilari, 2005).

Quanto à mãe, Broock e Ilari (2004) explicam que ela:

[...] imperceptivelmente, muda o registro de sua voz, ajustando-a em um tom mais agudo do que o usual. Isso traz um certo conforto para o bebê, de forma que ele sabe quando estão se dirigindo a ele. E assim como na fala, o canto dirigido aos bebês também tem as suas particularidades, como o uso do registro vocal agudo, andamentos lentos e expressividade acentuada. (Broock; Ilari, 2004, p. 126)

Em uma pesquisa sobre a forma como era conduzida e exercida a prática do canto entre pais e mães de bebês de seis a nove meses de idade, Trehub, Hill e Kamenetsky (1997) constataram que as mães cantavam com maior frequência do que os pais e utilizavam canções infantis simples. Em contrapartida, os pais escolhiam diversos gêneros e estilos musicais, incluindo canções voltadas ao público adulto, canções inventadas e de comerciais de televisão. Nessa mesma pesquisa, constatou-se que, quando cantavam de forma dirigida ao seu bebê, pais e mães tendiam a fazer performances mais expressivas, de forma mais calma ou brincante, dependendo da intenção para com o filho.

A prática do canto dirigido é considerada importante durante o desenvolvimento dos bebês, porque influencia na comunicação e na interação com seus responsáveis. O ato de cantar de forma dirigida mantém a atenção, influi na comunicação, facilita a interação social e ajuda na aquisição da linguagem (Ilari, 2002; Broock; Ilari, 2004).

Segundo Trehub e Gudmundsdottir (2015), as mães cantam de forma mais expressiva enquanto cuidam de seus bebês. Esse canto varia de acordo com a intencionalidade do momento, podendo ser direcionado tanto a reduzir o estresse, promover tranquilidade, e regular o sono e as emoções, como para brincar e provocar excitações. As autoras também afirmam que o canto das mães tem aspectos didáticos intuitivos, devido a sua ênfase no tom e na estrutura temporal das canções. O contexto face a face também oferece aos bebês performances com gestos visuais/vocais distintos.

Educação musical informal

A educação musical para os bebês nessa faixa etária se inicia com as práticas musicais cotidianas, introduzidas pelos pais. Por acontecer em um ambiente não formal, sem o auxílio de um profissional especialista em Música, e ser adquirida durante o processo de socialização em família, insere-se no tipo de educação informal. Gohn (2006, p. 28) esclarece a respeito dos conceitos de educação formal, informal e não formal:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

A partir das definições de Gohn (2006), entende-se que as vivências musicais propostas pelos pais aos seus bebês – mais especificamente a prática do canto dirigido – adequam-se à concepção de educação musical informal. Ele ressalta, ainda, a importância da educação não formal e informal – pois estariam voltadas ao ser humano de forma integral –, mas reforça que não substituem a educação formal; apenas complementam-na, objetivando socializar os indivíduos e desenvolver hábitos e atitudes.

Partindo desse pressuposto, temos o educador e pesquisador musical Kraemer (2000), que trata da educação musical, denominando-a pedagogia da música; segundo ele, esta consiste em um imbricamento entre a educação musical e as demais áreas do conhecimento. Para Kraemer (2000, p. 51):

A pedagogia da música ocupa-se com as relações entre as pessoas(s) e a(s) música(s) sob os aspectos de apropriação e transmissão. Ao seu campo de trabalho pertence toda a prática músico-educacional que é realizada em aulas escolares e não escolares, assim como toda cultura musical em processo de formação.

Ao entender que a pedagogia da música (educação musical) se ocupa da relação das pessoas com a música — no caso desta pesquisa, entre mãe e bebê durante a prática do canto dirigido —, nota-se que os aspectos de apropriação e transmissão ocorrem na esfera do cotidiano, recaindo sobre as perspectivas, os gostos e os costumes dos responsáveis pelo bebê.

Kraemer (2000) também descreve os lugares e quem se ocupa da pedagogia da música e declara que pais, crianças e jovens possuem uma ideia do que seja a transmissão da música. Ele afirma que o conhecimento pedagógico-musical diz respeito a mais pessoas e lugares do que normalmente se supõe: “o conhecimento pedagógico-musical não se encontra exclusivamente dentro de institutos científicos” Kraemer (2000, p. 65).

Sobre saberes inatos, temos os conceitos de “parentalidade intuitiva” (Papoušek, 1996; Shifres, 2007 *apud* Carneiro; Parizzi, 2011) e “musicalidade comunicativa” (Malloch, 1999; Trevarthen, 1999, 2000 *apud* Carneiro; Parizzi, 2011). Segundo os autores, a parentalidade intuitiva seria a habilidade inata que os pais possuem para alimentar, proteger e ensinar características de uma dada cultura a seus filhos. A maneira como pais, cuidadores e até mesmo crianças mais velhas alteram sua forma de falar, “utilizando a voz num registro mais agudo, falando mais lentamente, criando pausas entre frases, que são normalmente mais curtas e ritmadas” (Parizzi; Rodrigues, 2020, p. 31-32), caracteriza-se como o “manhês”, um exemplo típico dessa predisposição inconsciente (Parizzi; Rodrigues, 2020; Carneiro; Parizzi, 2011).

Malloch (1999) denominou musicalidade comunicativa a combinação dos elementos das interações comunicativas cooperativas e codependentes entre mãe e bebê que, nessa perspectiva, o autor reconhece como parceiros em um diálogo musical. A musicalidade comunicativa consiste na pulsação, na qualidade e na narrativa dos elementos – atributos da comunicação humana que são particularmente explorados na música e que permitem companheirismo coordenado para surgir. Esse comportamento se manifesta nas condutas comunicativas dos bebês, por meio de:

[...] movimentos de cabeça, rosto e de membros dos bebês durante seus momentos de interação com os adultos e dá suporte à atuação regulada do tempo de acordo com um pulso, denominado pulso motor, que se torna evidente em grande parte dos comportamentos dos bebês (movimentos, orientações de atenção, respostas expressivas etc.). (Shifres, 2007 *apud* Carneiro; Parizzi, 2011, p. 91)

Segundo Carneiro e Parizzi (2011, p. 91), “a musicalidade comunicativa, deflagrada e incentivada pela parentalidade intuitiva, é, pois, a base da comunicação humana”.

Os pais como os primeiros educadores musicais

Para Broock e Ilari (2004), os pais são os principais educadores musicais de seus filhos. Nesse contexto, “é papel fundamental da família estimular os sentidos da criança, para que esta tenha acesso a uma expressão sonora que seja sua expressão própria, prelúdio da linguagem e abertura para a música” (Levy, 1993 *apud* Broock; Ilari, 2004, p. 126).

Edwin Gordon, pesquisador do campo da psicologia da educação musical, em sua obra *Teoria da Aprendizagem Musical*, afirma que a oportunidade de aprendizagem musical deve ser oferecida desde o nascimento. Segundo ele, nosso potencial para aprender música nunca é tão elevado como no momento do nascimento e, a partir daí, diminui gradualmente (Gordon, 2015).

É importante salientar que os momentos de vivência musical com as mães e pais não suprem o papel do educador habilitado no desenvolvimento musical do bebê. Entende-se que, para essa faixa etária, “o educador musical deve buscar uma conduta pedagógica análoga à forma como pais e cuidadores se relacionam intuitivamente com os bebês” (Carneiro; Parizzi, 2011, p. 95), para que ambos possam trabalhar, em conjunto, em prol do desenvolvimento musical.

Com base no exposto, compreendemos o quanto a música é importante na vida dos bebês. Portanto, apresentamos a seguir os dados coletados na pesquisa.

Resultados e Discussões

A partir da leitura dos documentos coletados, seguindo a ordem de análise de conteúdo conforme Bardin (2016), definimos as seguintes etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Os documentos para análise foram as respostas ao formulário pertencente ao projeto de extensão “Vivências Musicais para Bebês e Famílias: 2ª edição”. Dentre as dez famílias participantes, todas as respondentes foram as mães dos bebês.

A partir da coleta e análise dos dados, foi possível organizá-los em seis categorias: i) Perfil das mães participantes; ii) Prática do canto com os bebês; iii) Repertório utilizado durante a prática do canto; iv) Motivos pelos quais as mães utilizam o canto com seus bebês; v) Vivências musicais familiares; e vi) Opinião pessoal sobre a prática do canto. Ao final, é apresentada uma síntese dos resultados, de modo a facilitar o entendimento geral.

A seguir, cada categoria é apresentada individualmente, conforme as respostas obtidas nos formulários, e transversalizada com o referencial teórico apresentado anteriormente.

Perfil das mães participantes

Esta categoria apresenta as mães participantes do projeto de extensão. Para um melhor entendimento, apresenta-se o Quadro 1, a seguir, com um maior detalhamento dos dados.

Quadro 1 – Perfil das mães participantes

Nome	Idade	Residência	Profissão	Idade e sexo do(a) bebê
Mãe A	41 anos	Rio de Janeiro/RJ	Pedagoga	nove meses - menina
Mãe B	52 anos	São Pedro da Serra/RS	Podóloga	dois anos - menina
Mãe C	31 anos	Porto Alegre/RS	Professora	dois anos - menina
Mãe D	25 anos	Bom Princípio/RS	Técnica em Enfermagem	um ano - menino
Mãe E	43 anos	Capão da Canoa/RS	Servidora Pública	um ano e seis meses - menino
Mãe F	29 anos	Carlos Barbosa/RS	Arquiteta e Urbanista	cinco meses - menino
Mãe G	31 anos	Barão/RS	Professora	um ano - menina
Mãe H	36 anos	Curitiba/PR	Professora	um ano e um mês - menina
Mãe I	31 anos	Bombinhas/SC	Psicóloga	um ano - menina
Mãe J	43 anos	Barão/RS	Comerciante	dois anos - menino

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Ao fazer uma análise do perfil das mães participantes, verificou-se que:

- a idade variou de 25 a 52 anos;
- houve uma diversidade de profissões, dentre as quais observou-se profissionais tanto da área de Humanas quanto de Exatas, contabilizando quatro professoras, uma delas pedagoga. As demais trabalhavam como psicóloga, podóloga, técnica em enfermagem, arquiteta e urbanista, servidora pública e comerciante;
- contou-se com participantes de várias cidades do Rio Grande do Sul, além de outros estados, como Paraná, Rio Janeiro e Santa Catarina;
- apenas três mães relataram ter mais de um filho. A mãe A, além da bebê de nove meses, tem outra filha, de 21 anos. A mãe I, além da bebê de um ano de idade, também tem outra de quatro anos. Por último, a mãe J, além do bebê de dois anos, tem outra filha de 19 anos;

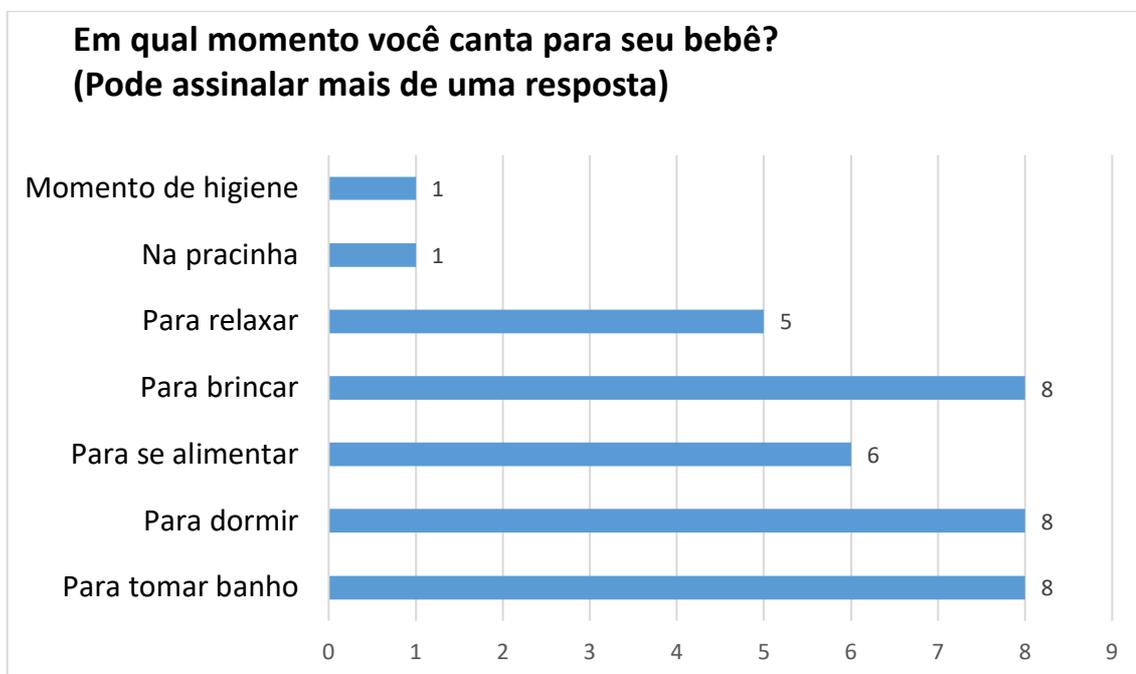
- os bebês participantes tinham idades entre cinco meses e dois anos. Quatro dos dez bebês eram do sexo masculino, enquanto os outros seis eram do sexo feminino.

Prática do canto com o bebê

Ao serem questionadas sobre a prática do canto com seus bebês, nove mães afirmaram ter esse costume, e apenas a mãe F respondeu que não. É importante salientar que, como apontado anteriormente, a prática do canto entre mães e bebês é algo natural (Trehub; Gudmundsdottir, 2015), bem como sua utilização em diversos momentos.

Para a obtenção dos dados relativos aos momentos em que as mães cantavam para seus bebês, foram formuladas cinco questões de múltipla escolha. Nesse caso, havia também o campo dissertativo, para que as respondentes pudessem adicionar outras opções além das sete que constavam no formulário: para tomar banho, para dormir, para se alimentar, para brincar, para relaxar, na pracinha ou no momento da higiene. O Gráfico 1, a seguir, apresenta a síntese das respostas fornecidas pelas mães.

Gráfico 1 – Momento em que acontecia a prática do canto com o bebê



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Como afirmam Trehub e Gudmundsdottir (2015), o canto pode ser direcionado à regulação de emoções, como para promover tranquilidade, dormir, brincar, provocar excitações e reduzir o estresse, e varia de acordo com a intencionalidade do momento.

Considerando que era uma pergunta de múltipla escolha, oito das nove mães que cantavam para os bebês assinalaram que faziam isso em diversos momentos, como o do banho, o de brincar e o de dormir.

Seis mães marcaram que também utilizavam o canto na hora de alimentar seus bebês, e cinco que cantavam para que alcançassem o relaxamento. Como opções dissertativas, foram obtidas as seguintes respostas: “Momento da higiene, troca de roupas, qualquer hora é hora para cantar” (Mãe H) e “Na pracinha, para passear” (Mãe B).

Logo, os momentos de utilização do canto propostos pelas mães caracterizaram-se como uma “exposição cotidiana aos sons e à música da cultura da qual fazem parte” (Ilari, 2009, p. 25–26), auxiliando, assim, no desenvolvimento musical dos bebês.

Repertório utilizado durante a prática do canto

Em relação ao repertório musical utilizado, a maioria das mães respondeu que utilizava canções destinadas ao público infantil, e algumas também citaram canções do folclore brasileiro.

Trehub, Hill e Kamenetsky (1997) constataram que as mães cantam com maior frequência que os pais e que utilizam canções infantis simples. Com isso, pode-se inferir que há uma sintonia entre as respostas obtidas e a afirmação dos autores quanto à prática do canto por parte das mães. Ademais, Trehub, Hill e Kamenetsky (1997) afirmam que, ao contrário das mães, os pais escolhiam diversos gêneros e estilos de canções, incluindo as inventadas, as de comerciais de televisão e aquelas voltadas ao público adulto.

Trehub e Gudmundsdottir (2015) também afirmam que o canto das mães tem aspectos didáticos intuitivos, devido a sua ênfase no tom e na estrutura temporal das canções. Além disso, foram encontradas nas respostas dos formulários canções que visam à exploração de sons animais, cores e partes do corpo.

O Quadro 2 apresenta a síntese das respostas das participantes.

Quadro 2 – Repertório utilizado durante a prática do canto

Nome	Idade e sexo do(a) Bebê	Canções utilizadas
Mãe A	nove meses – menina	“Cantarolamos melodias aleatórias, músicas infantis e qualquer outra que vier na mente.”
Mãe B	dois anos – menina	“Boi de várias cores, Atirei o pau no gato, Galinha pintadinha, Sapo cururu, Ciranda cirandinha, canções folclóricas...”
Mãe C	dois anos – menina	“Músicas que envolvem sons e animais. <i>Cadê, Meus dedinhos</i> e todas as músicas das vivências que aprendemos. Não lembraria de todos os nomes das músicas. Mas, às vezes inventamos algumas canções também.”
Mãe D	um ano – menino	“ <i>Galinha pintadinha, Baby Shark, Mundo Bitá.</i> ”
Mãe E	um ano e seis meses - menino	“Promete, Ana Vilela.”
Mãe F	cinco meses – menino	“Não utiliza o canto.”
Mãe G	um ano – menina	“Nossa, são muitas. Mas geralmente são as músicas infantis.”
Mãe H	um ano e um mês – menina	“Repertório infantil e outras inventadas.”
Mãe I	um ano – menina	“Músicas populares infantis.”
Mãe J	dois anos – menino	“ <i>Menino da pecuária, Agro é chic agro é top, Dona barata, A lagartixa, Pintinho amarelinho...</i> ”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Com base no Quadro 2, percebe-se que algumas das mães – como é o caso da E e da J – também utilizam canções que não seriam destinadas ao público infantil. Coincidentemente, ambas são mães de meninos; nesse sentido, Ilari (2002) aponta que há vários fatores que influenciam o canto dirigido, como os estilos das canções, os contextos em que essa prática é utilizada e o sexo do bebê. Outra variante seria a utilização de canções inventadas. Como se pode observar no Quadro 2, as mães A, C e H relatam que, além de utilizarem canções prontas, também cantarolam melodias aleatórias e, em determinados momentos, inventam alguma canção.

Motivos pelos quais as mães utilizam o canto com seus bebês

Ao serem questionadas sobre a motivação para utilizarem o canto nas práticas cotidianas com seus bebês, os motivos mais mencionados foram: criar conexão afetiva, propiciar interação entre as partes e melhorar o desenvolvimento do bebê. Ilari (2002, p. 87) discorre sobre a importância do canto dirigido, sendo “considerado importante no desenvolvimento infantil porque influencia na comunicação e interação dos bebês e seus responsáveis”.

O Quadro 3 sintetiza as respostas das mães sobre as motivações para cantarem para os seus bebês.

Quadro 3 – Motivos pelos quais as mães utilizam o canto com seus bebês

Nome	Idade e sexo do(a) bebê	Motivos para a utilização do canto
Mãe A	nove meses - menina	“Ela gosta muito, a irmã canta e toca violão pra ela desde a barriga e acredito que cria uma conexão, relaxa e ajuda no desenvolvimento.”
Mãe B	dois anos – menina	“Para ela interagir conosco, para ela dormir, para ela cantar junto, ajudar no desenvolvimento da fala.”
Mãe C	dois anos - menina	“Momento de interação e fortalecimento de vínculo afetivo com a minha filha. Além de auxiliar no desenvolvimento motor e da linguagem.”
Mãe D	um ano – menino	“Relaxa ele, acalma para dormir. É um momento nosso de interação.”
Mãe E	um ano e seis meses menino	“Criar conexão e acalmar.”
Mãe F	cinco meses - menino	“Não utiliza o canto.”
Mãe G	um ano – menina	“Com toda certeza a música desperta no bebê uma sensação de tranquilidade, paz, carinho, harmonia. A criança se sente segura e através da música aprende muitas coisas, palavras, atos, ações.”
Mãe H	um ano e um mês menina	“Porque eu gosto, ela gosta, porque anima, porque é divertido.”
Mãe I	um ano – menina	“Para estreitar o vínculo e estimular a fala.”
Mãe J	dois anos - menino	“Para melhor interagir com a criança.”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

A mãe A explicou que a prática do canto com sua filha ocorre desde quando ela estava na barriga. Nesse sentido, estudos de Ilari (2002) apontam que o bebê, ainda no ventre materno, é passível de estímulos sonoros externos. Essa mãe ressaltou, também, a importância da participação da irmã nesse período: “Ela gosta muito, a irmã canta e toca violão pra ela desde a barriga e acredito que cria uma conexão, relaxa e ajuda no desenvolvimento”.

Parizzi e Rodrigues (2020) destacam que essa predisposição para uma primeira estimulação musical é advinda da “parentalidade intuitiva”. Sobre as sensações que a música desperta – entre elas o fato de o bebê sentir-se seguro –, a Mãe G comentou: “Com toda certeza a música desperta no bebê uma sensação de tranquilidade, paz, carinho, harmonia. A criança se sente segura e através da música aprende muitas coisas, palavras, atos, ações”. A mãe H mencionou a influência do próprio gosto pela música: “Porque eu gosto, ela gosta, porque anima, porque é divertido”.

Vivências musicais familiares

Nesta seção, as participantes foram questionadas se seus pais ou responsáveis cantavam para elas quando eram bebês. De dez respondentes, apenas quatro (B, C, H e I) responderam ter essa lembrança. Elas estão na faixa etária de 31 a 52 anos e são residentes nos estados do Paraná (uma mãe), Santa Catarina (uma mãe) e Rio Grande do Sul (duas mães).

Quadro 4 – Canções utilizadas por seus pais quando bebês

Nome	Idade	Canções utilizadas por seus pais quando bebês
Mãe B	52 anos	<i>Ciranda cirandinha, Mãezinha do céu, Nana nenê</i> e algumas da igreja.
Mãe C	31 anos	<i>Mãezinha do Céu</i> , músicas em italiano e canções de ninar.
Mãe H	36 anos	<i>Bate palminha, Roda cutia</i> e canções de ninar.
Mãe I	31 anos	Músicas populares infantis.

Fonte: autoras (2023)

As participantes relataram que as principais canções utilizadas foram as infantis, folclóricas e religiosas. A mãe C informou que, além de canções em português, seus pais ou responsáveis também tinham o costume de cantar em italiano.

Buscando uma comparação entre o que foi cantado para essas mães quando pequenas e o que elas cantam agora para seus bebês, a mãe B afirmou que, quando pequena, cantavam para

ela canções folclóricas e religiosas. Atualmente, durante sua prática, utiliza canções infantis e folclóricas, o que indica que a utilização das mesmas canções se perpetua.

A mãe C relatou que, em sua infância, cantavam para ela canções de ninar, canções religiosas e canções em italiano. Atualmente, a mãe C também canta, mas com intenções diferentes. Conforme seu relato: “Músicas que envolvem os sons e os animais. Cadê, Meus dedinhos e todas as músicas das vivências que aprendemos. Não lembraria de todos os nomes das músicas. Mas, às vezes inventamos algumas canções, também.”

Os pais e responsáveis das mães H e I, quando eram pequenas, cantavam para elas, canções populares infantis e de ninar. Atualmente, ambas as mães, quando cantam para seus bebês, entoam canções infantis populares e algumas que elas inventam.

Opinião pessoal sobre a prática do canto

Por fim, a última questão convidou as mães a opinarem sobre a prática do canto com bebês. Como resultado, todas disseram acreditar ser uma atividade benéfica para eles, seja por meio de estímulos seja por entretenimento. O Quadro 5 resume as respostas obtidas nos formulários.

Quadro 5 – Opinião pessoal das mães com relação à prática do canto

Nome	Idade e sexo do(a) bebê	Opinião pessoal sobre a prática do canto
Mãe A	nove meses - menina	“Muito positiva.”
Mãe B	dois anos – menina	“Acho bem relaxante, estimulante, importante, pois ajuda no desenvolvimento. Pois aprende de uma maneira lúdica.”
Mãe C	dois anos – menina	“Uma excelente oportunidade para brincar juntamente em família. Além, de todos os benefícios para o desenvolvimento cognitivo e motor do bebê.”
Mãe D	um ano – menino	“Acho ótimo, educativo e ajuda na interação com a família.”
Mãe E	um ano e seis meses – menino	“Importantíssima.”
Mãe F	cinco meses – menino	“Acredito que tragam uma sensação boa ao bebê, que o aproxima da pessoa que canta para ele.”
Mãe G	um ano – menina	“Acho muito importante pois desenvolve muitas coisas nos bebês.”

Mãe H	um ano e um mês – menina	“Divertida.”
Mãe I	um ano – menina	“Acho essencial para o desenvolvimento infantil. Tanto no âmbito da fala, quanto na percepção musical, desenvolvimento da consciência corporal e na inserção cultural.”
Mãe J	dois anos – menino	“Excelente.”

Fonte: autoras (2023)

Para Parizzi e Rodrigues (2020, p. 46), “o contato precoce com a música cria condições para que a criança venha compreendê-la e seja capaz de comunicar as suas próprias ‘ideias musicais’ expressando-se de uma forma autônoma e independente”. Nesse sentido, a mãe I foi a única das respondentes que fez referência ao desenvolvimento musical do bebê: “acho essencial para o desenvolvimento infantil. Tanto no âmbito da fala quanto no da percepção musical, desenvolvimento da consciência corporal e na inserção cultural”.

As mães C, D e F relataram que essa prática, além de auxiliar no desenvolvimento do bebê, colabora para a conexão familiar. “Uma excelente oportunidade para brincar juntamente em família. Além de todos os benefícios para o desenvolvimento cognitivo e motor do bebê” (Mãe C); “Acho ótimo, educativo e ajuda na interação com a família” (Mãe D); e “Acredito que tragam uma sensação boa ao bebê, que o aproxima da pessoa que canta para ele” (Mãe F).

As mães A, E, H e J relataram, respectivamente, que, para elas, a prática do canto com o bebê é excelente, importante, divertida e muito positiva. Os depoimentos das mães corroboram a teoria de Gordon (2015), que enfatiza a importância da utilização da música para o desenvolvimento do bebê. Ressalta-se, inclusive, que a única mãe que não tem o costume de cantar para o filho categorizou a ação como algo que traz uma sensação boa ao bebê e que o aproxima da pessoa que canta para ele.

Síntese dos resultados

A partir dos dados coletados, não houve informações suficientes para afirmar se a idade materna é um fator determinante para a prática do canto. Entretanto, notou-se que a maioria das mães com mais de 31 anos relatou que uma das motivações para realizarem essa atividade é o auxílio ao desenvolvimento do bebê, principalmente o relacionado à fala.

Outro fator de destaque foi a profissão das participantes. Houve uma abrangência da área de humanas e da de exatas. A maior parte das mães que trabalhavam nas áreas da educação e da saúde mencionou a utilização do canto como ferramenta para o desenvolvimento e o aprendizado de novas funções.

Em relação aos principais momentos em que a prática ocorria, a maioria das mães informou utilizar o canto principalmente para dar banho, brincar e dormir, seguido pela utilização na hora da alimentação e do relaxamento do bebê. Houve também uma breve menção de algumas mães sobre a utilização na hora da troca de fraldas e nos momentos em que estavam na pracinha, passeando. Essas constatações reforçam dados referentes a outras pesquisas, que remetem ao uso do canto como facilitador e regulador de emoções e sensações.

Ao cantar, as mães utilizavam, principalmente, repertórios constituídos de músicas folclóricas e outras canções voltadas ao público infantil, como as do Mundo Bitá e da Galinha Pintadinha. Nesse sentido, em oposição às canções que as mães relataram ouvir em sua infância, percebeu-se uma ascensão de conjuntos musicais que tenham como objetivo lançar músicas destinadas ao público infantil. Essas canções costumam ter letras direcionadas ao ensino das cores e das partes do corpo, ao reconhecimento dos animais etc. Para além das canções folclóricas e daquelas voltadas ao público infantil, duas mães relataram ter em seu repertório canções que não são diretamente ligadas a esse público.

Outro aspecto que chamou atenção durante a análise foi o fato de apenas três mães (todas elas professoras) terem feito menção à utilização de canções inventadas e/ou melodias aleatórias. Entende-se que, por trabalharem na área da educação, tendem a explorar o fazer musical para além do que já se tem pronto.

As mães participantes desta pesquisa utilizam-se do canto porque, em sua opinião, é ótimo para criar conexão afetiva, interação familiar e um melhor desenvolvimento integral do bebê. Apesar de não ser o foco do trabalho, vale ressaltar que, entre as participantes, apenas uma mencionou a utilização de estímulos musicais durante a gestação.

No que diz respeito ao hábito musical em suas famílias, quatro das dez mães relataram lembrar de seus pais/responsáveis cantando para elas. O repertório utilizado variava entre canções folclóricas, de ninar e de cunho religioso. Percebeu-se que essas participantes, em sua maioria, utilizam o repertório que foi apresentado a elas quando pequenas. Entende-se, então, que a prática do canto pode ultrapassar e influenciar gerações.

De forma geral, a opinião das mães participantes em relação ao canto com bebês foi muito positiva, destacando seu papel no desenvolvimento dos bebês e no fortalecimento da relação afetiva entre os familiares.

Conclusão

Ao finalizar esta pesquisa, observou-se que a maioria das mães participantes do projeto de extensão canta de forma dirigida para seus filhos desde a mais tenra idade, principalmente nos momentos de brincadeiras, nos que antecedem o adormecimento e durante o banho; é uma prática presente em sua rotina diária.

Em relação aos motivos que levam as mães a cantarem para seus filhos, elas afirmaram que consideram essa prática uma ótima ferramenta para criar conexão afetiva, interação familiar e um melhor desenvolvimento integral do bebê.

Ao analisar os dados obtidos, é possível tecer desdobramentos para a área da Educação Musical. Nesse sentido, a relevância desta pesquisa se dá com base no entendimento da importância de a prática musical ser iniciada ainda quando bebês, em um contexto não escolar, com as famílias, ou mesmo em contextos escolares, com educadores ou profissionais que atuem com atividades musicais para essa faixa etária.

Em se tratando das práticas do canto dirigido entre mães e bebês, entende-se que o repertório – nesse caso, o conjunto de canções que lhes são entoadas –, é de suma importância e, muitas vezes, determinante para sua formação e desenvolvimento ao longo da vida. Todas as vivências pelas quais os bebês passam, seja praticando os cantos seja apreciando-os, contribuem para a sua constituição e integram seu repertório musical.

No caso de atividades musicais desenvolvidas por professores de Música, essa importância é acentuada, considerando-se a potencialidade de uma formação centrada no desenvolvimento humano. Assim, quanto maior for o contato com a música — nesta pesquisa, especialmente com as atividades do canto —, maior será a possibilidade de desenvolvimento integral dos bebês.

A importância de entender a cultura que os alunos carregam soma-se às argumentações apresentadas neste trabalho – sobretudo por sua contribuição para a Educação Musical –; sendo assim, conhecê-la é um dos objetivos no ensino escolar de música. Compreender o contexto musical dos alunos faz diferença nas propostas formais de ensino de música.

Nesse contexto, entende-se o canto dirigido entre mães e bebês como um primeiro contato com essa prática musical. A visão da Educação Musical como área de conhecimento é um dos objetivos a serem alcançados, visto que apenas uma das dez mães fez menção à prática do canto para o próprio desenvolvimento em música.

Ao finalizar esta pesquisa, pode-se afirmar que as questões propostas foram respondidas, entretanto, durante o seu desenvolvimento, percebeu-se que o campo pode ser explorado em diferentes aspectos. A partir dessa observação, surgiram os seguintes questionamentos: de que maneira o gosto musical dos pais influencia a prática musical dos filhos? Será que o sexo do bebê influencia na maneira como são conduzidas as vivências musicais, a escolha de repertórios e estímulos? De qual maneira a profissão das mães influencia na prática musical com os bebês? E a idade? Quanto à região na qual a família vive, qual sua influência na prática musical? Esses questionamentos ficam abertos para serem respondidos em pesquisas futuras. Fica aqui um convite à área aos estudiosos e profissionais da área.

Entende-se, portanto, que a prática do canto dirigido entre mães e bebês pode contribuir para o desenvolvimento destes não apenas no que diz respeito à formação musical propriamente dita, mas também no fortalecimento de sua relação, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 1 ed. rev. e atual. Lisboa: Edições 70, 2016.

BORTOLETTO-DUNKER, Ana Cristina; LORDELO, Eulina da Rocha. Um novo bebê: interpretações sobre competências. *Psicol., Ciênc. Prof.*, [s. l.], v. 13, n. 1–4, p. 10–15, 1993. DOI 10.1590/S1414-98931993000100003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931993000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 12 maio 2023.

BROOCK, Angelita Maria Vander; ILARI, Beatriz. A relação afetiva entre as mães e os bebês através da música. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 13., 2004, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: ABEM, 2004. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/congressos_realizados_ver.asp?id=21. Acesso em: 12 maio 2023.

CARNEIRO, Aline; PARIZZI, Betânia. “Parentalidade intuitiva” e “musicalidade comunicativa”: conceitos fundantes da educação musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, [s. l.], v. 19, n. 25, p. 89-97, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/193>. Acesso em: 12 maio 2023.

FILIPAK, Renata; ILARI, Beatriz. Mães e Bebês: vivência e linguagem musical. *Música Hodie*, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 85-100, 2005. DOI 10.5216/mh.v5i1.2656. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/2656>. Acesso em: 13 maio 2023.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27–38, jan./mar. 2006. DOI 10.1590/S0104-40362006000100003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 12 maio 2023.

GORDON, Edwin E. *Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-Nascidos e Crianças em Idade Pré-Escolar*. 4. ed. revista e aumentada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, n. 7, p. 83–90, set. 2002. Disponível em: <http://abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/435>. Acesso em: 12 maio 2023.

ILARI, Beatriz. Research on music, the brain and cognitive development: Addressing some common questions of music educators. *International Journal of Music Education*, Sydney, v. 2, n. 1, p. 85–97, 2003.

ILARI, Beatriz. A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos. *Revista eletrônica de musicologia*, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 1–8, out. 2005. Disponível em: http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMV9-1/ilari.html Acesso em: 13 maio 2023.

ILARI, Beatriz. *Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados*. Curitiba: Ibpx, 2009.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. *Em Pauta*, [s. l.], v. 11, n. 16/17, p. 50–73, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/9378>. Acesso em: 12 maio 2023.

MALLOCH, Stephen N. Mothers and infants and communicative musicality. *Musicae Scientiae*, [s. l.], v. 3, n. 1 – suppl., p. 29–57, set. 1999. DOI 10.1177/10298649000030S104. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/10298649000030S104>. Acesso em: 12 maio 2023.

PAPOUŠEK, Mechthild. Intuitive parenting: a hidden source of musical stimulation in infancy. In: DELIÈGE, Irene; SLOBODA, John (org.). *Musical Beginnings: Origins and Development of Musical Competence*. Oxford: Oxford University Press, 1996. P. 88-112. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198523321.003.0004>. Acesso em: 13 maio 2023.

PARIZZI, Betânia; RODRIGUES, Helena. *O bebê e a música*. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. *Saberes do bebê*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

TRAINOR, Laurel J.; HEINMILLER, Becky M. The development of evaluative responses to music: Infants prefer to listen to consonance over dissonance. *Infant Behavior and Development*, [s. l.],

v. 21, n. 1, p. 77–88, 1998. DOI 10.1016/S0163-6383(98)90055-8. Disponível em:
<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0163638398900558>. Acesso em: 13 maio 2023.

TRAINOR, Laurel J.; TREHUB, Sandra E. What Mediates Infants' and Adults' Superior Processing of the Major over the Augmented Triad? *Music Perception*, Oakland, v. 11, n. 2, p. 185–196, dez. 1993. DOI 10.2307/40285615. Disponível em:
<https://online.ucpress.edu/mp/article/11/2/185/61815/What-Mediates-Infants-and-Adults-Superior>. Acesso em: 13 maio 2023.

TREHUB, Sandra E.; GUDMUNDSDOTTIR, Helga Rut. Mothers as Singing Mentors for Infants. In: WELCH, Graham F.; HOWARD, David M.; NIX, John (org.). *The Oxford Handbook of Singing*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 454–470. *E-book*. Disponível em:
<https://academic.oup.com/edited-volume/35194/chapter/299588134>. Acesso em: 13 maio 2023.

TREHUB, Sandra E.; HILL, David S.; KAMENETSKY, Stuart B. Parents' sung performances for infants. *Canadian Journal of Experimental Psychology / Revue canadienne de psychologie expérimentale*, Montreal, v. 51, n. 4, p. 385–396, dez. 1997. DOI 10.1037/1196-1961.51.4.385. Disponível em: <http://doi.apa.org/getdoi.cfm?doi=10.1037/1196-1961.51.4.385>. Acesso em: 12 maio 2023.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Canções para embalar o sono: uma pesquisa sobre os acalantos. In: MARQUES, Cláudia de Araújo; OLIVEIRA, Renato Gonçalves de (org.). *Processos Educacionais e Artísticos da Performance Musical: Uma Prática com Propósito*. Ponta Grossa: Atena, 2019. p. 199–209. *E-book*. Disponível em:
<https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/processos-educacionais-e-artisticos-da-performance-musical-uma-pratica-com-proposito>. Acesso em: 28 ago. 2023.

Djeniffer Heinzmann Chassot é formada pelo Curso Normal (Magistério), licenciada em Música pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e integrante do grupo de pesquisa Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços, dessa instituição. Atualmente, é professora particular de musicalização infantil, piano, teclado, ukulele e violão.

Cristina Rolim Wolffenbüttel é Pós-Doutora, Doutora e Mestre em Educação Musical. Licenciada em Música e Especialista em Informática na Educação, com ênfase em Instrumentação. Especialista em Literatura Brasileira, Filosofia, Educação Infantil e Anos Iniciais. Coordenadora do curso de especialização em Educação Musical, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do curso de graduação em Música, licenciatura, da UERGS. Líder dos grupos de pesquisa Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços (Grupem) e Arte: Criação, Interdisciplinaridade e Educação (ArtCIEd), registrados no CNPq, e certificados pela UERGS. Professora de Música (aposentada) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Membro do Comitê Assessor de Artes e Letras da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Integrante da Comissão Gaúcha de Folclore e da Fundação Santos Herrmann.

Revista da Abem

Volume 31 - Ano 2023

revistaabem@abemeducacaomusical.com.br